



RECORTES DE IMPRENSA

ABRIL 2014



COM O APOIO:



11^o Corrida de Solidariedade – ISCP/PAV**Correr contra a violência**

TEXTO: MANUEL SEQUEIRA
FOTO: MARCELINO ALMEIDA

Há crimes...

Há vítimas...

Há quem precise de ser ajudado, apoiado, aconselhado

"As pessoas que são vítimas de crime, muitas vezes não sabem ou têm dúvidas sobre o que fazer. Necessitam de alguém, que de uma forma amiga solidária, as possa escutar, compreender e ajudar. A APAV existe para isso: para ouvir, aconselhar e apoiar".

Só em 2013, a APAV teve 37.222 atendimentos, que resultaram em 11.800 processos de apoio, 8.733 vítimas directas e 20.462 crimes, mais de 80% deles referentes a violência doméstica.

Triunfos de Sérgio Silva e Cláudia Pereira

Foi neste quadro que se disputou a 11ª edição de uma corrida solidária com todas as vítimas de violência. A prova teve a distância de 10 km com o seu início em Alcântara, junto



às instalações do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, e a meta instalada em Belém.

O benfiquista Sérgio Silva foi o primeiro a cortar a meta, no tempo de 30m49s. Seguiram-se-lhe dois atletas do GDR Reboleira/GFD, João Vieira a oito segundos e Carlos Silva a meio minuto.

Em femininos, Cláudia Pereira (JOMA) confirmou o seu favoritismo face à lista das participantes. Ela venceu em 36m11s, deixando Vera Fernandes (RB Running) a 44 segundos e Mónica Moreiras (Indiv.) a 1m22s. Teresa Traça foi a última com 1h29m31s.

Tivemos 836 participantes, número recorde que suplanta os 793 havidos em 2011. A boa presença havida este ano inverteu a tendência negativa das últimas edições, com escassos 464 em 2012 e 404 em 2013.

A prova teve a presença solidária de Aurora Cunha e a organização esteve em bom nível.

RESULTADOS 11ª CORRIDA DA SOLIDARIEDADE ISCP-SI/APAV/LISBOA (23/03)

Masc.: 1º Sérgio Silva (SL Benfica) 30.49; 2º João Vieira (GDR Reboleira/GFD) 30.57; 3º Carlos Silva (GDR Reboleira/GFD) 31.19; 4º (M3539) Emiliano Vieira (RB Running) 31.40; 5º Hêlio Gomes (SL Benfica) 32.03; 6º Ricardo Paixão (CF Os Belenenses) 32.04; 7º (M4044) Alex Scutaru (Indiv.) 32.45; 8º Marco Costa (Garmin/CO Oeiras) 33.20; 9º Ricardo Fernandes (CA Marinha Grande) 33.20; 10º (M5054) Eugénio Neto (GDR Reboleira/GFD) 33.40; ...15º (M1819) Tiago Silva (C. Pedro Pessoa/Esc. Atletismo) 34.47; ... 23º (M4549) José Inácio (GDR Reboleira/GFD) 36.11; ...25º (M5559) Joaquim Antunes (PSP) 36.34; ... 116º (M6099) Armando Correia (Indiv.) 43.00. **Fem.:** 1ª (F35) Cláudia Pereira (JOMA) 36.11; 2ª Vera Fernandes (RB Running) 36.55; 3ª Mónica Moreiras (Indiv.) 37.33; 4ª (F35) Mónica Vieira (CRD Arrudense) 38.20; 5ª (F50) Lucília Soares (Indiv.) 39.10; ... 12ª (F45) Virginia Pereira (Portugal Running) 43.32; ...19ª (F40) Isabel Rodrigues (ADCR PJ) 44.41



XXIII CONVENÇÃO INTERNACIONAL PROMOFITNESS

A 23ª edição da Convenção Internacional Promofitness realiza-se entre os dias 26 e 27 de abril, em Matosinhos, com diversas atividades e possibilidades de praticar e aprender mais sobre exercício. Além dos Workshops e Master Classes orientados pelos melhores profissionais de fitness, realiza-se o 8º Torneio Free Dança Style e a 4ª edição dos Promofit Games. E para ficares por dentro das últimas novidades do mercado do fitness, podes visitar a Exposport – Feira de Desporto. Este ano a Promofitness associa-se à APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – que beneficiará da receita do evento “Promo Solidária 3x1”.

Mais informações: www.promofitness.com



**Coimbra****Workshop “Estratégias de segurança”
na Faculdade de Psicologia**

●●● A sala 4.5 da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC) recebe **hoje** um workshop subordinado ao tema “Estratégias de segurança”. A formação, que decorre entre as **16H00 e as 19H00**, está a cargo de Helena Sampaio, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).





// OPINIÃO

**António Pires****Violência Doméstica:
Uma Praga em
Crescendo**

Os dados estatísticos não enganam: de acordo com a Organização Mundial de Saúde, no ano de 2013, em Portugal, 39,4% dos idosos foram vítimas dos mais variados abusos. Desses, 3,6% são de natureza sexual, e 2,8% dizem respeito a agressões físicas.

Segundo um relatório publicado pela APAV (Associação de Apoio à Vítima), a violência física contra crianças, no seio familiar, aumentou, no nosso país, no ano de 2013, comparativamente ao ano de 2012, mais de 170%, sendo que quatro dessas crianças morreram às mãos dos agressores.

Também em 2013, no universo feminino, de acordo com a mesma instituição, o cenário reveste-se de contornos de crueldade: 39 mulheres foram mortas pelos maridos, companheiros e namorados.

Estes factos levam-nos à seguinte leitura: o ser humano, cada vez com maior propensão para se associar e aderir ao progresso e aos avanços tecnológicos e civilizacionais da sociedade a que pertence, continua visceralmente amarrado a uma mentalidade cavernícola, de ser invertebrado, sem evoluir no caminho da lucidez, da moral e da decência.

Nos compêndios do comportamento humano, diz-se que a violência doméstica, motivada, na maioria dos casos, pela cegueira do ciúme, é uma manifestação de poder e de controlo da parte do agressor, na qual as vítimas, sejam esposas, companheiras ou namoradas, são continuamente submetidas a maus tratos físicos, psicológicos e sexuais.

Numa visão mais epidérmica, diria que uns e outros, os que, no seio familiar, agredem, sob todas as formas, os filhos, as mulheres e os idosos, agem não segundo o estereótipo da virilidade máscula, mas da mais abjecta e vil cobardia. Porque

só gente desprezível é capaz de exercer violência contra quem, por si só, não se consegue defender. Porque só um canalha trava uma luta, sabendo que o seu “opositor” parte em desvantagem.

É, pois, com base nesta ideia, e porque atribuo uma grande importância ao significado das palavras, que manifesto o meu desagrado pelo uso da expressão “crime passionai”, para descrever as motivações dum uxoricida. Uma razão que entronca na ideia de que “quem ama não mata nem agride”. E não a subscrever é reduzir o amor e a paixão a um sentimento menor, atribuindo-lhes o mesmo valor semântico contido em palavras para definir comportamentos de dimensão patológica.

À falta de uma ideia mais original, ousando, até, substituir-me os profissionais dos distúrbios da mente, aconselharia a quem manifesta patologias com tendência para os impulsos violentos, como quem exorciza os demónios, experimentar aquela terapia que consiste na auto – flagelação, batendo repetidamente com a cabeça na parede. Se não resultar à primeira, recomendo a insistência.

Perante este drama social que devia envergonhar a sociedade, eis a pergunta: conseguir-se-á, algum dia, inverter a tendência? A resposta dependerá necessariamente da atitude que cada um de nós, como seres humanos e cidadãos, adoptarmos perante o drama alheio. Uma ambição tanto mais difícil quanto sabemos que nesta sociedade, de valores e prioridades invertidos, é muito mais fácil albergar um cão abandonado do que acolher numa instituição uma mulher, um idoso ou uma criança vítimas de violência doméstica.

Não se mudando as mentalidades, e se não nos perturbamos perante o infortúnio do próximo, declarando guerra (pela indignação, dizendo basta) a quem permanentemente recorre à violência gratuita contra os mais fracos e dependentes, julgo que comemorar o dia internacional do idoso, da criança ou da mulher terá um significado pouco expressivo; direi, quase provocatório para os homenageados.

21-04-2014

Tiragem: 151804

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 24

Cores: Cor

Área: 10,07 x 3,44 cm²

Corte: 1 de 1



**AGENDA****■ HOJE****Coimbra, 21h00**

Tomada de posse da
Associação Académica,
na Fac. de Farmácia.

■ AMANHÃ**APAV, Lisboa**

Debate de sensibilização
sobre 'stalking'.

VAI ACONTECER, INFORME:

agenda@cmjornal.pt



Assédio tende a aumentar e ser cada vez mais grave

PERSEGUIÇÃO

QUASE dois milhões de portugueses já foram vítimas de comportamentos de perseguição, ameaças, controlo e vigilância, formas de violência com tendência para aumentar e serem mais graves, alertou uma investigadora da Universidade do Minho.

Os comportamentos de assédio persistente (stalking), que visam perturbar e aterrorizar a vítima, podem assumir variadas formas, como telefonar frequentemente, perseguir, filmar, enviar mensagens ou presentes, ameaçar, agredir ou vigiar alguém. "Os estudos mostram que a tendência é para uma escalada destes comportamentos", disse Célia Ferreira, a propósito do seminário "Levar o Stalking a sério", promovido pela APAV e que decorre hoje em Lisboa.

Célia Ferreira explicou que muitas vezes estes comportamentos associam-se a outras formas de violência. ●



Stalking. Quase 2 milhões de portugueses já foram perseguidos ou ameaçados

O fenómeno tem tendência para aumentar e assumir dimensões ainda mais graves, alertam investigadores da Universidade do Minho

KÁTIA CATULO

katia.catulo@ionline.pt

Quase 2 milhões de portugueses já foram vítimas de perseguição, ameaças ou então vigiados de forma continuada. A conclusão é de um grupo de investigadores da Universidade do Minho, que alerta para o facto de este fenómeno ter tendência para aumentar e assumir dimensões mais graves. O comportamento, designado stalking, está ainda por legislar, não podendo por isso ser considerado crime.

O estudo ontem apresentado no seminário "Levar o stalking a sério" concluiu que 19,5% dos inquiridos de uma amostra de 1210 pessoas são ou já foram alvo deste comportamento. As mulheres e os jovens (entre os 16 e os 29 anos) são as principais vítimas. O agressor, por seu turno, é quase sempre homem, sendo na maioria dos casos conhecido ou ex-companheiro da vítima.

"Os estudos têm vindo a mostrar que a tendência é para se

verificar uma escalada destes comportamentos, quer em termos de frequência, quer em termos de gravidade", explicou à Lusa a investigadora Célia Ferreira, que participou no seminário promovido pela APAV. Os comportamentos de assédio persistente (stalking), que visam perturbar e atemorizar a vítima, assumem variadas formas, como telefonar com frequência, perseguir, filmar, enviar mensagens ou presentes, ameaçar, agredir ou vigiar alguém. Estes comportamentos acabam também por trazer outras formas de violência como as agressões físicas e sexuais, avisa Célia Ferreira, do Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal.

Este comportamento não é crime, dado não haver legislação específica, embora o governo já tenha anunciado, em Março, estar a estudar a possibilidade de criminalizar esses actos. O que existe, explica a investigadora, é a hipótese de criminalizar individualmente alguns comportamen-

tos: "Se o stalker invadir a propriedade da vítima, temos o crime de invasão, se dirigir ameaças, temos o crime de ameaças, se injuriar, temos o crime de injúrias, mas o que estamos a fazer é criminalizar actos isolados sem atendermos ao problema como um todo." Há outros comportamentos, porém, impossíveis de criminalizar. Perseguir a vítima ou passar a noite na rua e à porta da sua casa são alguns exemplos sem resposta legal.

Um dos cenários mais frequentes de stalking surge após a ruptura de uma relação de intimidade e de uma das partes não aceitar a rejeição. Inicialmente, o agressor tenta a reconciliação, mas ao continuar a ser rejeitado desenvolve o desejo de vingança: "O medo, a insegurança, a hipervigilância em relação a tudo e a todos, a desconfiança e o sentimento de falta de controlo" acabam muitas vezes por desenvolver nas vítimas depressão, ansiedade e "alguns sintomas traumáticos", *Com Lusa*



Comportamentos de “stalking” aumentam

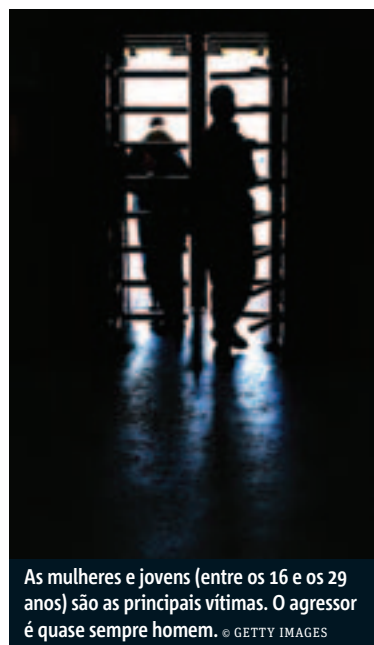
Crime. Quase dois milhões de portugueses já foram vítimas de comportamentos de perseguição, ameaças, formas de violência com tendência para aumentar e serem mais graves.

O alerta partiu de uma investigadora da Universidade do Minho: os comportamentos de assédio persistente ('stalking'), que visam perturbar e atemorizar a vítima, podem assumir variadas formas, como telefonar frequentemente, perseguir, filmar, enviar mensagens ou presentes, ameaçar, agredir ou vigiar.

“Os estudos têm vindo a mostrar que a tendência é para se verificar uma escalada destes comportamentos, quer em termos de frequência, quer em termos de severidade”, disse a investigadora Célia Ferreira, que falava à agência Lusa a propósito do seminário “Levar o Stalking a sério”, promovido pela APAV e que

decorre hoje em Lisboa. Célia Ferreira, do Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal, explicou que muitas vezes estes comportamentos associam-se a outras formas de violência, como ameaças, violência física e sexual.

Um dos cenários mais frequentes de 'stalking' surge após a rutura de uma relação de intimidade e uma das partes não aceita a rejeição, iniciando uma campanha de assédio persistente, que pode ter “motivações diferentes” – inicialmente, o agressor tenta a reconciliação, mas se continua a ser rejeitado acaba por desenvolver “um desejo de vingança”.



As mulheres e jovens (entre os 16 e os 29 anos) são as principais vítimas. O agressor é quase sempre homem. © GETTY IMAGES



Há cada vez mais vítimas de assédio depois da separação

APAV tem recebido cada mais vítimas de "stalking". Terminada a relação, a perseguição física e online são constantes

ANA PAULA FONSECA
afonseca@acorianooriental.pt

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores tem vindo a notar um aumento de pedidos de ajuda de vítimas de 'stalking' ou de assédio persistente. Não existem na Região e a nível nacional dados estatísticos sobre o número de denúncias, dado que esta forma de violência não é tipificada como crime, sendo inserida, por vezes, nos crimes de violência doméstica (ver caixa).

O 'stalking' é um fenómeno que tem crescido, saindo do campo das figuras públicas para o cidadão comum.

"Notamos que atendemos mais pessoas vítimas de 'stalking', e maioritariamente, que já tiveram uma relação de intimidade com o perseguidor (a). A relação acabou e uma das partes não aceitou bem e tenta, por todas as formas, que a situação reverta", afirma a representante da APAV nos Açores, Helena Costa, acrescentando que "este é um tipo de vitimação que tem normalmente um agravamento ao longo do tempo".

Relata que a associação tem recebido casos de vítimas que se queixam que o perseguidor envia "100 mensagens por dia, que aparece no local de trabalho e em todos os lados onde a pessoa possa estar. É uma forma de pressão psicológica muito forte".

Para além destas tentativas de contacto, o assédio persistente assume contornos de violência como o pegar fogo ao carro, partir a porta de casa, enviar mensagens a ameaçar que a (o) vai matar e aproxima-se dos filhos menores para chegar à vítima.

O 'stalking' traduz-se numa forma de violência na qual uma pessoa impõe sobre outra uma série de comportamentos de assédio indesejados ou intrusivos, de forma insistente. O assédio persistente pode assumir várias proporções. Os casos mais comuns desenrolam-se pelo contacto repetido, recolha de informação e tentativas sucessivas de aproximação física. Em casos mais extremos e menos recorrentes, o agressor pode mesmo recorrer a ameaças ou comportamentos de intimidação que poderão depois originar agressões e tentativas de homicídio, dano, e sequestro.

No entanto, a associação frisa que qualquer pessoa pode ser vítima. Ao contrário da crença comum, os agressores são maioritariamente conhecidos da vítima: podem ser colegas, amigos, ex-parceiros ou vizinhos.

As pessoas que procuram a APAV "sentem que a sua vida tornou-se num Big Brother, em que está sempre a ser observada onde quer que vá. A pessoa acaba por não ter uma vida livre", relata Helena Costa, alertando que "em qualquer das fases, procurar a APAV, poderá ajudar a tomar decisões e planejar o caminho para lidar com a situação".

O fenómeno não é recente, sendo a face mais visível quando atingia figuras públicas. Em Portugal, temos os casos do vocalista do UHF, quer durante dez anos foi perseguido por uma fã e da atriz Patrícia Távares. Relativamente a outras pessoas anónimas, o assédio está "mais camuflado. Entra para as estatísticas da violência doméstica se existiu uma relação e quando não existe relação, perde a visibilidade estatística", sublinha Helena Costa.

Em Portugal, tal como noutros países europeus, este fenómeno não é ainda reconhecido como uma forma de vitimização, facto que a APAV e pela voz da representante nos Açores, Helena Costa, atribui à "falta de conhecimento e sensibilização" sobre a terminologia que descreve os comportamentos e atos desta natureza. ♦



ANA PAULA FONSECA

Os agressores são maioritariamente conhecidos da vítima: ex-parceiros, colegas, vizinhos ou amigos

Redes sociais são nova realidade para a prática de 'stalking'

O acesso às redes sociais veio introduzir uma nova frente de ação ao nível do assédio persistente, sendo um meio muito utilizado no cyberstalking, como é conhecido. Através das redes sociais, o agressor pode publicar informações falsas sobre a vítima e que rapidamente se espalham.

Qualquer tipo de comportamento de agressão, ameaça ou intimidação efetuado pela internet e/ou pelas novas tecnologias, através de SMS, MMS, email, chatroom, messenger, website, youtube, redes sociais,

têm a intenção de magoar, envergonhar, assustar ou ofender.

As redes sociais são atualmente muito utilizadas por adolescentes: "numa relação entre dois adolescentes e uma das partes não encarou bem o fim da relação, através das redes sociais pode criar perfis falsos para chegar à pessoa, ou utilizar emails falso", denuncia Helena Costa, da APAV nos Açores.

Não existem dados estatísticos sobre as várias formas de 'stalking' em Portugal. Os dados existentes saem de um es-

tudo realizado, em 2010, pela Universidade do Minho que apontam que 19,5% dos inquiridos já tinham sido vítimas de 'stalking', sendo que em 40,2% das situações os agressores eram conhecidos, colegas, familiares ou vizinhos.

Há ainda o registo de que, destes casos, quatro em cinco eram casos de assédio persistente de caráter diário ou semanal e que, em mais de metade das situações, o perseguidor aparecia em locais habitualmente frequentados pela vítima. ♦ APF



‘Stalking’ afeta dois milhões

O assédio persistente assume muitas formas, podendo associar-se a outros tipos de violência. Mas não é crime no País.

REDAÇÃO
destak@destak.pt

O ‘stalking’, o mesmo é dizer o assédio persistente, é um comportamento bem conhecido dos portugueses, ou não tivesse já afetado quase dois milhões de pessoas no nosso país, denuncia uma investigadora da Universidade do Minho. Perseguição, ameaças, controlo e vigilância são formas



As situações de ‘stalking’ podem provocar depressão e ansiedade

de violência com tendência para aumentar e tornarem-se mais graves, confirma à Lusa Célia Ferreira, do Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal e uma das participantes no seminário ‘Levar o Stalking a sério’, promovido pela APAV e que decorre hoje em Lisboa.

Sejam telefonemas frequentes, perseguição, envio de mensagens ou presentes, ameaças ou agressões, estes comportamentos acabam por associar-se a outras formas de violência, como ameaças, violência física e sexual. «O medo, a insegurança, a hipervigilância em relação a tudo e a todos, a desconfiança e o sentimento de falta de controlo» acabam muitas vezes por desenvolver nas vítimas situações como depressão, ansiedade e «alguns sintomas traumáticos».

Em Portugal, o ‘stalking’ não é crime, sendo necessário criar legislação específica para este fenómeno, como já acontece em vários países, defende a investigadora.

APAV quer criminalizar o assédio persistente

VÍTIMAS Amanhã é o dia internacional para sensibilizar contra o *stalking*. Querem que seja crime em Portugal, como já é em 9 países da UE

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) criou um grupo multidisciplinar para levar à criminalização do assédio persistente (*stalking*). O objetivo é explicar aos deputados esta forma de maus-tratos e as consequências para as vítimas e levá-los a legislar sobre o tema. A informação foi ontem avançada ao DN à margem do seminário "Levar o *stalking* a sério", para assinalar o Dia Internacional contra o Stalking, que amanhã se assinala. Os peritos deixam um aviso: cuidado com o que se partilha e com quem se partilha na net.

"Estamos a trabalhar sobre a implementação da diretiva europeia dos direitos das vítimas de crime (2012/29/UE) e uma questão importante é a autonomização do *stalking* e", explica João Lázaro, presidente da APAV, acrescentando que os políticos estão mais sensibilizados para este fenómeno.

Em Portugal, 19,5% responderam a um estudo da Universidade do Minho terem sido vítimas de *stalking*, sobretudo as mulheres. Uma em cada quatro afirmou sofrer esta forma de violência, definida "como um conjunto de comportamentos de assédio praticados, de forma persistente, por uma pessoa contra outra, sem que esta os deseje e/ou consinta".

Célia Ferreira, uma das investigadoras, alerta para os perigos da internet e das redes sociais. "É um meio para encontrar informação sobre o alvo e é necessário alertar



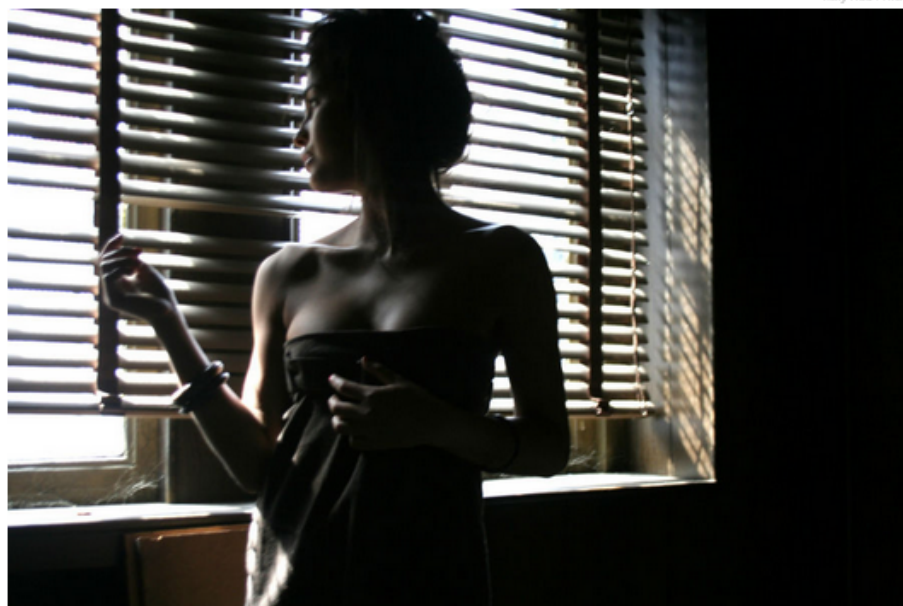
Redes têm os dados das vítimas

as pessoas para terem cuidado com o que partilham e com os convites que aceitam", diz.

Ann Moulds testemunhou no seminário enquanto vítima. É psicoterapeuta e fundou a Action Scotland Against Stalking em 2009, um ano depois de ter começado a ser assediada por um anónimo. Lutou para que fosse crime na Escócia, o que aconteceu em 2010.

A perseguição começou com um cartão no dia dos namorados e *e-mails* até evoluir para fotos, detalhes de fantasias sexuais e roupa interior. Era a mesma pessoa que tinha conhecido ocasionalmente e a quem Ann contou que era vítima de *stalking*, tomando-se seu confidente. Levou-o a tribunal e apanhou três anos de pena suspensa e trabalho comunitário, o que a deixou revoltada: "O juiz justificou que era bom cidadão, trabalhador Eu, que também sou boa cidadã e trabalhadora, é que tive de mudar de casa, de perder a empresa, a família e os amigos!"

CÉU NEVES



Quase dois milhões de portugueses já foram vítimas de comportamentos de perseguição, ameaças, controlo e vigilância, formas de violência com tendência para aumentar e serem mais graves, alertou hoje uma investigadora da Universidade do Minho.

Os comportamentos de assédio persistente (stalking), que visam perturbar e atemorizar a vítima, podem assumir variadas formas, como telefonar frequentemente, perseguir, filmar, enviar mensagens ou presentes, ameaçar, agredir ou vigiar alguém.

“Os estudos têm vindo a mostrar que a tendência é para se verificar uma escalada destes comportamentos, quer em termos de frequência, quer em termos de severidade”, disse a investigadora Célia Ferreira, que falava à Lusa a propósito do seminário “Levar o Stalking a sério”, promovido pela APAV e que decorre na terça-feira em Lisboa.

Célia Ferreira, do Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal, explicou que muitas vezes estes comportamentos acabam por associar-se a outras formas de violência, como ameaças, violência física e sexual.

Um dos cenários mais frequentes de stalking surge após a **ruptura de uma relação de intimidade** e uma das partes não aceita a rejeição, iniciando uma campanha de assédio persistente, que pode ter “motivações diferentes”.

Inicialmente, o agressor tenta a reconciliação, mas se continua a ser rejeitado acaba por desenvolver “um desejo de **vingança**”.

A investigadora contou que as vítimas dizem que “sentem a sua privacidade, o seu espaço pessoal, completamente invadido e ameaçado”.

“O medo, a insegurança, a hipervigilância em relação a tudo e a todos, a desconfiança e o sentimento de falta de controlo”, acabam muitas vezes por desenvolver nas vítimas “quadros de desajustamento psicopatológico”, como depressão, ansiedade e “alguns sintomas traumáticos”.

Em Portugal, o stalking não é crime, mas **há necessidade de criar legislação** específica para este fenómeno, como já acontece em vários países, defende Célia Ferreira, congratulando-se com o anúncio feito pelo Governo, em Março, de estar a estudar a possibilidade de criminalizar o ‘stalking’.

O que existe em Portugal, “mas que não é uma resposta completamente adequada”, é a possibilidade de criminalizar individualmente alguns comportamentos.

“Se o stalker invadir a propriedade da vítima, temos o crime de invasão, se dirigir ameaças, temos o crime de ameaças, se injuriar, temos o crime de injúrias, mas no fundo o que estamos a fazer é **criminalizar actos isolados** sem atendermos ao problema como um todo”, sublinhou.

Contudo, há outros comportamentos que “são sentidos e experienciados pela vítima e indutores de sofrimento”, que não possíveis de criminalizar.



Maltratados na própria casa

Aumenta o número de casos de idosos vítimas de maus tratos por parte de quem lhes aluga quartos e casa.

REDAÇÃO
destak@destak.pt

À violência já conhecida perpetrada sobre os idosos junta-se uma outra, nova, denunciada à Lusa pelo médico Luís Nunes, autor do livro *O bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos*, que denuncia o número crescente de casos de seniores que vivem em quartos alugados onde são tratados de

«forma desumana» pelos donos das casas, que lhes impõem «regras duras», roubando-os de «uma vida tranquila».

«Os donos das casas tratam-nos mal, exigem tudo e impõem regras, como só poderem ir à casa de banho duas ou três vezes por dia e tomarem banho uma vez por semana», refere o especialista, que tem trabalhado em várias hospitais e centros de saúde. Com estas regras, os idosos ficam «limitados e diminuídos», mas «vão vivendo assim maltratados», porque muitos estão longe da família e não têm alternativa, sublinha.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, mais de 11.300 idosos foram vítimas de violência doméstica nos últimos 12 anos.



Mais de 11.300 idosos vítimas de violência doméstica nos últimos anos

Idosos tratados de forma desumana em quartos

VIOLÊNCIA Muitos idosos que vivem em quartos alugados são tratados de "forma desumana" pelos donos das casas, que lhes impõem "regras duras", impedindo-os de terem "uma vida tranquila", alerta o médico Luís Nunes.

"É um outro tipo de agressão que recentemente começou a ser referenciado e diz respeito aos idosos (viúvos, divorciados ou solteiros) que vivem em quartos alugados, sobretudo nas grandes cidades", afirma Luís Nunes no livro *O Bem-estar, a Qualidade de Vida e a Saúde dos Idosos*. "Os donos das casas tratam-nos mal, exigem tudo e impõem regras, como só podem ir à casa de banho duas ou três vezes por dia e tomarem banho uma vez por semana", diz à Lusa o médico, que tem trabalhado em vários hospitais e centros de saúde.

Contactada pela Lusa, Maria Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, adianta que as situações que têm chegado à APAV passam-se na zona de Lisboa. Os idosos são vítimas de vários tipos de violência, principalmente da física, psicológica e financeira, que levam "a situações traumáticas", lembra a técnica. Um estudo do Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge, que estimou pela primeira vez a prevalência da violência contra idosos, refere que, entre outubro de 2011 e outubro de 2012, cerca de 314 mil pessoas com 60 e mais anos foram vítima de, pelo menos, uma "conduta de violência" por parte de um familiar, amigo, vizinho ou profissional.

No caso da conduta de trancar a pessoa no quarto ou impedir o acesso a toda a casa, mais de um terço das vítimas inquiridas referiu mais de dez incidentes, 37,5% referenciou entre duas a dez ocorrências e 26,6% reportou uma única ocorrência. LUSA

Idosos em quartos alugados tratados desumanamente

Muitos idosos que vivem em quartos alugados são tratados de “forma desumana” pelos donos das casas, que lhes impõem “regras duras”, impedindo-os de terem “uma vida tranquila”, alerta o médico Luís Nunes.

“É um outro tipo de agressão que recentemente começou a ser referenciado e diz respeito aos idosos (viúvos, divorciados ou solteiros) que vivem em quartos alugados, sobretudo nas grandes cidades”, afirma Luís Nunes no livro ‘O bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos’.

“Os donos das casas tratam-nos mal, exigem tudo e impõem regras, como só poderem ir à casa de banho duas ou três vezes por dia e tomarem banho uma vez por semana”, diz à Lusa o médico, que tem trabalhado em várias hospitais e centros de saúde.

Com estas regras, os idosos ficam “limitados e diminuídos”, mas “vão vivendo assim maltratados”, porque muitos estão longe da família e não têm alternativa, sublinha.

Contactada pela Lusa, Maria Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, adianta que as situações que têm chegado à APAV passam-se na zona de Lisboa.

Os idosos são vítimas de vários tipos de

MUITAS VEZES, OS IDOSOS NÃO SE VÊM COMO VÍTIMAS DE UM TIPO DE VIOLÊNCIA

violência, principalmente da física, psicológica e financeira, que levam “a situações traumáticas”, lembra a técnica.

Um estudo do Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge, que estimou pela primeira vez a prevalência da violência contra idosos, refere que, entre Outubro de 2011 e Outubro de 2012, cerca de 314 mil pessoas com 60 e mais anos foram vítima de, pelo menos, uma “conduta de violência” por parte de um familiar, amigo, vizinho ou profissional.

No caso da conduta de trancar a pessoa no quarto ou impedir o acesso a toda a casa, mais de um terço das vítimas inquiridas referiu mais de 10 incidentes, 37,5% referenciou entre duas a 10 ocorrências e 26,6% reportou uma única ocorrência.

Maria Oliveira adverte que “as pessoas têm de ter liberdade de circulação” e se estiverem confinadas a um espaço podem estar a ser vítima de sequestro.

“Enquanto censuramos determinados comportamentos em relação às crianças e às mulheres vítimas de violência doméstica, em relação às pessoas idosas ainda há muita permissividade para este tipo de situações de violência”, lamenta.

Maria Oliveira explica que, “muitas vezes”, os idosos não se vêem como vítimas de um tipo de violência e mantêm-se naquela situação porque “preferem estar numa realidade que conhecem do que ir para o desconhecido”.

“Falamos muito da dependência financeira, mas muitas vezes é dependência emocional”, diz a técnica da APAV.

Defende que tem de ser realizado para os idosos um percurso idêntico ao que foi feito para as mulheres vítimas de violência doméstica.

“Há que trabalhar com as pessoas idosas”, com os jovens, que serão os futuros cuidadores, com os profissionais de saúde e da educação e “sensibilizar a comunidade em geral para denunciar estas situações, porque não podemos continuar a olhar para o lado”, remata Maria Oliveira.

Segundo dados da APAV, mais de 11.300 idosos, a grande maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica nos últimos 12 anos, um número que tem vindo a aumentar todos os anos.

As situações que têm chegado à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima passam-se na zona de Lisboa.





ID: 53560111

22-04-2014

Idosos a viverem em quartos alugados tratados de forma desumana

Muitos idosos que vivem em quartos alugados são tratados de “forma desumana” pelos donos das casas, que lhes impõem “regras duras”, impedindo-os de terem “uma vida tranquila”, alerta o médico Luís Nunes, segundo a agência Lusa.

“É um outro tipo de agressão que recentemente começou a ser referenciado e diz respeito aos idosos (viúvos, divorciados ou solteiros) que vivem em quartos alugados, sobretudo nas grandes cidades”, afirma Luís Nunes no livro O bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos, publicado recentemente pela Caminho. “Os donos das casas tratam-nos mal, exigem tudo e impõem regras, como só poderem ir à casa de banho duas ou três vezes por dia e tomarem banho uma vez por semana”, diz o médico, que tem trabalhado em várias hospitais e centros de saúde.

Com estas regras, os idosos ficam “limitados e diminuídos”, mas “vão vivendo assim maltratados”, porque muitos estão longe da família e não têm alternativa.

Contactada pela Lusa, Maria Oliveira, da

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), adianta que as situações deste género que têm chegado à associação passam-se na zona de Lisboa.

A técnica diz que os idosos são vítimas de vários tipos de violência, principalmente da física, psicológica e financeira.

Um estudo recente do Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge, que estimou pela primeira vez a prevalência da violência contra idosos, refere que, entre Outubro de 2011 e Outubro de 2012, cerca de 314 mil pessoas com 60 e mais anos foram vítimas de, pelo menos, uma “conduta de violência” por parte de um familiar, amigo, vizinho ou profissional.

Mais de um terço das vítimas inquiridas referiu mais de 10 incidentes em que o idoso foi trançado no quarto ou impedido de aceder a toda a casa. E 37,5% referenciou entre duas a 10 ocorrências.

Maria Oliveira adverte que “as pessoas têm de ter liberdade de circulação” e se estiverem confinadas a um espaço podem estar a ser vítima de sequestro. “Enquanto censuramos determinados comportamentos em relação às crianças e



às mulheres vítimas de violência doméstica, em relação às pessoas idosas ainda há muita permissividade para este tipo de situações de violência.”

Maria Oliveira explica que, “muitas vezes”, os idosos não se vêem como vítimas de um tipo de violência e mantêm-se naquela situação porque “preferem estar numa realidade que conhecem do que ir para o desconhecido”.

“Falamos muito da dependência financeira, mas muitas vezes é dependência emocional”, diz a técnica da APAV.

Apesar das várias campanhas que a APAV tem realizado, Maria Oliveira diz que “ainda há muito a

fazer”. Defende que tem de ser realizado para os idosos um percurso idêntico ao que foi feito para as mulheres vítimas de violência doméstica.

“Há que trabalhar com as pessoas idosas”, com os jovens, que serão os futuros cuidadores, com os profissionais de saúde e da educação e “sensibilizar a comunidade em geral para denunciar estas situações, porque não podemos continuar a olhar para o lado.”

Segundo dados da APAV, mais de 11.300 idosos, a grande maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica nos últimos 12 anos. Os casos têm vindo a aumentar todos os anos.

Idosos

Fiquei a saber há dias, pelos jornais, que "muitos idosos que vivem em quartos alugados são tratados de forma desumana pelos donos das casas, que lhes impõem regras duras, impedindo-os de terem uma vida tranquila". O alerta partiu de um médico, Luís Nunes, para quem estamos perante "um outro tipo de agressão que recentemente começou a ser referenciado e diz respeito aos idosos (viúvos, divorciados ou solteiros) que vivem em quartos alugados, sobretudo nas grandes cidades". No seu livro "O bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos", o médico que tem trabalhado em vários hospitais e centros de saúde, não deixa dúvidas:

"Os donos das casas tratam-nos mal, exigem tudo e impõem regras, como só poderem ir à casa de banho duas ou três vezes por dia e tomarem banho uma vez por semana. Com estas regras, os idosos ficam limitados e diminuídos, mas vão vivendo assim maltratados, porque muitos estão longe da família e não têm alternativa".

Penso que esta realidade não constitui uma novidade para ninguém. Acredito que os núcleos populacionais de menor dimensão e que albergam idosos certamente que facilmente terão mais condições para perceberem estas situações e identificarem o que se passa com eles. E terão a obrigação de denunciar às autoridades estas desumanidades absolutamente criminosas. Diria mesmo nojentas, demasiado porcas para serem verdadeiras. Infelizmente são. É sabido que a crise em que vivemos, que empobreceu o país e roubou rendimentos a milhares de famílias, acelerou estas situações de abandono dos idosos pelos seus próprios familiares, já que estes passaram a não ter condições para responderem à necessidade de propiciarem uma vida digna aos seus idosos, muitos deles tudo fizeram e tudo gastaram, para darem uma formação adequada e um futuro aos seus filhos que depois lhes viram costas quando eles mais deles precisam.

Uma responsável da Associação Portuguesa de



**LUÍS FILIPE
MALHEIRO**

Apoio à Vítima, confirma estas situações e admite que os idosos "são vítimas de vários tipos de violência, principalmente da física, psicológica e financeira, que levam a situações traumáticas". De acordo com a notícia, um estudo do Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge - "que estimou pela primeira vez a prevalência da violência contra idosos" - refere que entre Outubro de 2011 e Outubro de 2012, "cerca de 314 mil pessoas com 60 e mais anos foram vítimas de, pelo menos, uma conduta de violência por parte de um familiar, amigo, vizinho ou profissional".

"Enquanto censuramos determinados comportamentos em relação às crianças e às mulheres vítimas de violência doméstica, em relação às pessoas idosas ainda há muita permissividade para este tipo de situações de violência", lamenta Maria Oliveira que lembrou que mais do que "a dependência financeira, muitas vezes é dependência emocional" que mais preocupa. Diz a APAV que mais de 11.300 idosos, a grande maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica nos últimos 12 anos, um número que tem vindo a aumentar todos os anos.

O problema não tem a ver com o fenómeno da pobreza que cresceu na Europa, em Portugal e na Madeira. O problema prende-se desde logo com a postura das famílias relativamente aos idosos. O segundo aspecto tem a ver com a atitude nojenta

dos proprietários dos quartos que pelos vistos tratam os idosos abaixo de animais. Vergonhoso e desumano. A pobreza é hoje uma realidade social à escala europeia e tem muito a ver com a própria estrutura do mercado laboral e com a estrutura da nossa sociedade.

Não acredito que haja uma Câmara Municipal ou uma Junta de Freguesia que tenham um levantamento rigoroso da sua população idosa, inventariando em que situação vive, que carências sociais e financeiras enfrentam, que ligações têm às famílias, etc. E obviamente que esse trabalho devia ter sido realizado, agora com mais acuidade e urgência.

Termino deixando à reflexão de todos esta carta de um pai a um filho. Sem comentários, mas que explica porque temos que combater a violência contra idosos:

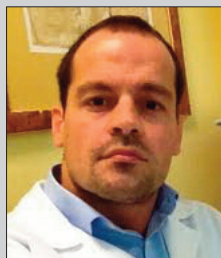
"Se meu andar é hesitante e minhas mãos trémulas, ampare-me. Se minha audição não é boa e tenho de me esforçar para ouvir o que você está dizendo, procure entender-me. Se a minha visão é imperfeita e o meu entendimento é escasso, ajude-me com paciência."

Se as minhas mãos tremem e derrubam comida na mesa ou no chão, por favor, não se irrite, tente fazer o melhor que pode. Se você me encontrar na rua, não faça de conta que não me viu, pare para conversar comigo, sinto-me tão só. Se você na sua sensibilidade me vê triste e só, simplesmente partilhe um sorriso e seja solidário."

Se lhe contei pela terceira vez a mesma história, num só dia não me repreenda, simplesmente ouça. Se me comporte como uma criança cerque-me de carinho. Se estou com medo da morte e tento negá-la, ajude-me na preparação do adeus."

Se estou doente e sou um peso na sua vida, não me abandone pois um dia terá a minha idade. A única coisa que desejo neste meu final de jornada, é um pouco de respeito e de amor". (Autor Desconhecido)

<http://ultraperiferias.blogspot.com>



**MÁRIO
VALE***

Prótese do Joelho

zação da prótese depois da cirurgia, prende-se com a falta de força dos músculos da coxa. Ao respeitar um programa de exercício regular, estará a fortalecer os músculos que permitem a sua nova articulação funcionar de uma forma mais equilibrada.

Acelere a sua recuperação - Atualmente, sabemos que o exercício físico é fundamental para o processo de recuperação de uma cirurgia com prótese do joelho. Durante algum tempo, manteve-se a ideia de que a atividade física era prejudicial a quem tinha colocado uma prótese. A verdade é que os doentes que acrescentam o exercício físico ao seu programa de reabilitação, recuperam mais depressa e com melhores resultados.

Melhore a sua qualidade de vida - Lembre-se que o objetivo da colocação de uma prótese do joelho é diminuir as suas dores e melhorar o movimento do seu joelho. Sem a prática de exercício físico regular, pode sentir algumas dores, com dificuldade em movi-

mentar a sua nova articulação. Melhorar a sua qualidade de vida é o mais importante! Por isso, deve vencer o desconforto inicial do exercício e acreditar que a atividade física só lhe traz vantagens.

A Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia e a Associação Portuguesa das Empresas de Dispositivos Médicos acabam de lançar, em Portugal, a campanha "Vida é Movimento" com o mote "Articule-se", que visa aumentar o conhecimento sobre as doenças ortopédicas que afetam ossos e articulações e que são a maior fonte de dor e incapacidade em todo o mundo. Esta campanha tem também como objetivos desmistificar o tratamento cirúrgico das doenças ortopédicas e a colocação de próteses, e clarificar os mitos ainda existentes sobre a qualidade de vida das pessoas portadores destes dispositivos médicos.

* Ortopedista, membro da Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia

está no ar



NICOLAU BREYNER e LÍDIA FRANCO falam



"SÃO MOMENTOS MUITO PESADOS"

A dupla de atores explicou à tvmais como são feitas algumas das cenas mais impressionantes da novela

TEXTO: PAULA BARROSO
FOTOS: LUIS COELHO, TV DIVULGAÇÃO E "ACTIVA"

Quando Henrique (Nicolau Breyner) descobre que a mulher, Madalena (Lídia Franco), lhe "desobedeceu" e foi visitar o neto às escondidas, perde o controlo e agride-a violentamente. Cansada de ser vítima de maus tratos por

parte do marido, ela decide, pela primeira vez, ir ao hospital receber tratamento e ficar com a prova de que sofre de violência doméstica. Abastada e socialmente exemplar, a família Albuquerque esconde um dos grandes segredos de "O Beijo do Escorpião": a

matriarca vive um casamento de terror, vítima de violência conjugal. Lídia Franco admite que é importante tratar o tema na novela, mas revela que as cenas em que é maltratada a afetam: "É horrível viver estas personagens que se fartam de sofrer. Por um lado, são as mais interessantes, mas é difícil para mim ter tantas cenas de violência, são complicadas de fazer".

Nicolau Breyner, por seu lado, confessa que este "déspota e má rês" a que dá vida, não o incomoda. Pelo contrário: "Não nos devemos deixar afetar pelas personagens, devemos despi-las mal acabamos

o trabalho. No final das cenas, começo logo a rir". Mas conta que a colega sofre neste papel, especialmente nas cenas de agressão física: "A Lídia é mais emotiva, fica mais agarrada às coisas. Talvez por ser mulher, não sei..." A colega não concorda. "Não tem a ver com o facto de ser mulher. Custa-me fazer estas cenas porque são momentos muito

pesados, há ali muita violência e sofrimento." Contas feitas, ambos se dedicam muito a estes papéis, que vivem com intensidade. Cada um à sua maneira... "A verdade é que o Nicolau e eu temos métodos diferentes de traba-

"É horrível viver estas personagens"
LÍDIA FRANCO



JOÃO MATOS é um dos autores da novela e explica que, devido à atualidade e do tema, a equipa de autores considerou importante incluí-lo na novela

sobre as CENAS DE VIOLÊNCIA



Madalena (Lídia Franco) vive num clima de terror, vítima da fúria do marido (Nicolau Breyner)



Iho, mas o que interessa é que resulte. Ele é um ator exímio: num momento está a fazer uma cena de grande emoção e logo a seguir é capaz de se pôr a contar anedotas!"

Tema atual

As cenas mais violentas entre o casal, apesar de impressionantes, não foram escritas com o objetivo de chocar os espectadores. João Matos, que assina

a trama de "O Beijo do Escorpião" com António Barreira, refere que, "infelizmente, o tema da violência doméstica está muito presente na atualidade" e, por isso, fazia sentido incluí-lo na trama. "E aquela que é praticada nas classes mais abastadas é a menos tratada, pelo que nos pareceu ainda mais interessante", diz. Para Lídia Franco, o drama da sua personagem

pode ser útil, pois "chama a atenção do público para assuntos importantes". Precisamente por isso, só lamenta que a sua Madalena morra: "Gostava que ela conseguisse dar a volta e libertar-se daquele homem horrível, para dar esperança a tantas mulheres que sofrem este drama na vida real". E conta-nos algumas reações que já teve na rua. "Dizem-me que tenho

de dar cabo do meu marido, de me ver livre dele", recorda. "Há uns tempos, numa loja, umas senhoras começaram a falar da Madalena. Uma delas, quando soube que ela ia morrer, começou a chorar. Talvez isso a tocasse pessoalmente..." Agora, já com morte anunciada, a atriz só tem um desejo: fazer uma personagem cómica. "Estou cansada de sofrer!", brinca.

O APELO DOS FAMOSOS

No dia 25 de novembro comemora-se o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. No ano passado, a revista "Activa" assinalou a data com uma campanha a favor da causa, e que contou com o apoio de vários famosos portugueses.

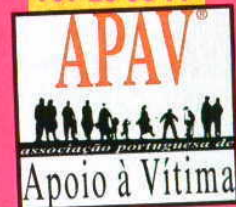
Diogo Morgado e Tony Carreira fizeram questão em participar



Números negros

Os dados referentes a 2013 mostram o cenário negro que se vive em Portugal, no que toca à violência doméstica. No ano passado, morreram 37 mulheres, vítimas deste crime. Ou seja, mais de três mulheres mortas por mês, por homens com quem mantinham ou já tinham tido uma relação amorosa. Mas não é tudo: além destes assassinios consumados, o Observatório

de Mulheres Assassinadas registou 32 crimes tentados. Por sua vez, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV, registou 17.384 denúncias de violência doméstica, mais 414 em relação ao ano anterior. Se precisar de ajuda, ligue o **707 20 00 77**



Última
Hora

JESSICA JÁ COMEÇOU A GRAVAR NOVA NOVELA

Atriz passa a visitar a **APAV**

Na novela Mulheres, Jessica Athayde vai vestir a pele de uma mulher que sofre de violência doméstica. Agora, a atriz tem outra visão sobre o assunto.

"ESTE é o maior desafio que me foi apresentado." É assim que Jessica Athayde descreve a sua nova personagem, **Bárbara**, uma mulher que casou com o homem dos seus sonhos e que acabou por ver a relação tornar-se num pesadelo, onde as agressões por parte do marido são constantes e violentas. Para este papel, a atriz preparou-se falando com mulheres que frequentam a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e que na vida real sofreram violência doméstica. **"Tive um apoio enorme da APAV, eles foram incríveis, e assim vou poder dar uma maior verdade à personagem. Falei com mulheres que passaram por este problema e cada história que ouvia era pior que a outra. Eu encarava isto como uma doença, mas não, é um crime. Pensava que havia sempre uma razão, ou devido à bebida, ou devido à toma de comprimidos e não é isso. Sinceramente, para mim, era uma ilusão aquilo**



Jessica e Luís Gaspar vão ser marido e mulher na ficção

que achava que era a violência doméstica", admite.

"Estas mulheres não são coitadinhas"

Se antigamente Jessica não entendia o porquê das mulheres ficarem caladas, agora, a atriz confessa que tudo na sua cabeça mudou. **"Perguntava-me por que é que a pessoa ficava se era agredida, mas, agora, começo a compreender. Não podemos julgar as histórias que estamos a ouvir, cada caso é um caso. Mas atenção, estas mulheres não são coitadinhas. São mulheres com uma força extraordinária,**

Também vai sofrer com a sogra

Bárbara vai ainda ser agredida psicologicamente pela sogra, Quitéria (Helena Isabel), mas este já é um tema que não a assusta tanto. É que, para a atriz, todas as sogras têm um feitiço especial. **"A minha sogra não é muito fácil, mas acho que nenhuma é", diz a rir.**

que aturam estas situações durante anos por amor", diz, garantindo que quer orgulhar quem passou pelo problema na vida real

Texto: Catarina Martins. Fotos: Zito Calado e Nuno Moreira



NOVELAS *Mulheres*

Apresentação

Paula Lobo Antunes, Pedro Laginha e João Reis (à dir.); Maria Rueff entre Sérgio Praia e Albano Jerónimo (em baixo).





TVI APOSTA TUDO NA NOVA NOVELA PARA 2014

MULHERES AO PODER

Sem data de estreia marcada, a estação de Queluz de Baixo resolveu apresentar os actores... que chegaram de mota tuk-tuc. Maria Rueff, nome que a **TV Guia** avançou a semana passada, em exclusivo, concentrou as atenções

TEXTO HUGO ALVES | FOTOS CARLOS MENDES

Sofia Alves, Fernanda Serrano, Susana Arrais, Paula Lobo Antunes, Jessica Athayde, Gabriela Barros e Maria Rueff vão ser as estrelas da nova novela da TVI, *Mulheres* (anteriormente designada por *Último Casamento Feliz*), uma adaptação de um original colombiano. A história roda em torno de sete casais lisboetas, que vivem diferentes desafios nas suas relações. Todos têm problemas para resolver, excepto Mariana (Sofia Alves), que parece ter um casamento sólido com Guilherme (Albano Jerónimo). Mas o excesso de trabalho e um incidente com a sua filha, Duda (Inês Sá Frias), levam-na a tomar uma decisão: demitir-se da empresa e criar a sua própria agência imobiliária.

Porém, algo terrível (cancro da mama) vai pôr à prova o seu matrimónio, que se começa a desmoronar. Mas este não será o único drama: alcoolismo, violência doméstica e compra de mulheres para casar são outros temas quentes da história, que está a ser adaptada à realidade portuguesa por Eduarda Laia. **"Não me vou afastar do original"**, diz, até porque sabe do sucesso que esta novela fez pelo Mundo. **"Não vamos inventar. Apenas vamos mudar a parte jurídica. Temos atenção às leis deles (diferentes das nossas), assim como a parte cultural e social. Vão ver que é gira."** Um dos trunfos de *Mulheres* vai ser Maria Rueff, que se estreia na TVI como Margarida, num papel dramático: **"Gosto de de-**

safios e estou grata à TVI por estar atenta ao meu percurso. Vou retratar uma realidade de muitas mulheres, uma pessoa que se esqueceu de si e que agora sofre com isso. E desafiarem-me para este registo, algo que trabalhei pouco, é bom." O namoro com a estação de Queluz de Baixo foi longo, mas Maria Rueff assegura que foi **"correspondido"**. **"Fui muito bem recebida pela Plural e pela TVI. Para os meus colegas, é que foi uma surpresa eu estar cá"**, diz, a rir.

LONGE DOS FILHOS

Maria Rueff, entretanto, já preparou a filha, Laura, de dez anos, para esta nova aventura. **"Disse-lhe que este mês ia andar a correr, numa loucura, mas ela está a ado-**

O elenco assistiu à actuação de Mariza, autora do générico, na apresentação da novela *Mulheres*.



Albano Jerónimo, Sérgio Praia, Maria Rueff e Manuel Wiborg com o director-geral da TVI, Luís Cunha Velho.



Jessica Athayde vai fazer par com Luis Gaspar, na novela adaptada por Eduarda Laia.



Treino com as filhas

Virgílio Castelo dará vida a Hélder, um cabeleireiro homossexual, que tem um salão onde todas as personagens se encontram. Os últimos dias têm servido para o actor se preparar para o papel... mexendo em secadores e tesouras. As filhas, Sancha e Violeta, são as cobaias. "Estou em estágio, a ver como se trabalha nos cabeleireiros. E, depois, pratico com as minhas filhas, sobretudo o pentear e a agarrar no cabelo. Elas nem percebem o que é que eu ando a fazer, mas estão a adorar esta 'brincadeira'."



rar e até passa os textos comigo." Já Paula Lobo Antunes, que irá fazer de "mulher implacável" da história, Diana, deixa, pela primeira vez, a sua filha, Beatriz, depois de 17 meses juntas. "Já estava preparada psicologicamente. Já estive um ano e meio sozinha com ela. Agora é a vez do pai", esclarece a actriz, que ainda agora começou a trabalhar, e já está com saudades da bebé: "Vou perder algumas coisas, mas fui eu que a vi começar a andar, dizer as primeiras palavras... Quando for trabalhar, sei que ela vai estar a dormir. Ela acorda tarde, por isso, vou lá, dou-lhe um beijinho, umas festinhas e saio. Custa, mas tem que ser." Afonso Pimentel terá esse mesmo drama.

"Nem quero pensar nisso. Mas, como não sou protagonista, estou mais relaxado. Vai haver tempo para o Gabriel, sempre."

A AJUDA DA APAV

Papel complicado terá Jessica Athayde. Ela será Bárbara, vítima de violência doméstica, por parte de Jorge (Luis Gaspar). Um papel que a está a deixar feliz, segundo conta à nossa revista. "É o desafio que tinha pedido à TVI. Queria um dramalhão e aqui o tenho! Falei com imensas mulheres, através da APAV, que me contaram o que passaram e aprendi a não julgar. Era-me difícil compreender como é que se sai de casa de sorriso na cara, depois do que se passou, mas agora percebo." ●

"Esta personagem é o desafio que tinha pedido à TVI. Queria um dramalhão e aqui o tenho"

Jessica Athayde

Novidade Novela

APRESENTAÇÃO DE



MUITA ANIMAÇÃO e expectativas altas

Decidida a arriscar, depois de apresentar produtos inovadores como **Rising Star**, a TVI lança novas cartas, desta vez na ficção. **Mulheres**, é o novo investimento do canal, uma adaptação do original colombiano **El Último Matrimonio Feliz**. Urbana e moderna, é assim que João Vigário, director geral da Plural Entertainment, produtora da novela, define esta produção, que retrata a crise das relações conjugais através de sete casais lisboetas. **Mulheres promete mostrar de forma crua e pragmática uma das realidades mais desanimadoras de Portugal,**

Muitas caras conhecidas juntaram-se para dar a conhecer o novo projecto que fala sobre a falência dos casamentos. Ao ecrã regressam caras há muito tempo afastadas da televisão.

onde 70% dos casamentos terminam em divórcio. Uma história de amores e desamores, de casamentos e divórcios, na qual apenas um matrimónio sobrevive, o último matrimónio feliz. São sete os casais retratados separados por várias divergências e com histórias muito distintas que prometem retratar a realidade da sociedade portuguesa e os problemas com os quais os ca-

sais se deparam no dia-a-dia. Apenas uma mulher consegue aguentar o casamento feliz, **Mariana** (Sofia Alves) ao lado de **Guilherme** (Albano Jerónimo). Mas até esta relação será posta à prova por um acontecimento que ela tentará esconder.

A história de **Mulheres** promete despertar a sociedade para os problemas da mulher actual, constantemente dividida entre a vida profissional e a familiar e doméstica, sujeita a pressões que prometem testar todos os seus limites. A mentira, a traição e o calculismo serão ingredientes deste drama, tal como a solidão e a sede de fama e dinheiro que deixam a felicidade para segundo plano. Nem a violência doméstica ou a homossexuali-

Luís Cunha Velho, director geral da TVI e Helena Forjaz, directora de conteúdos,

Os actores Pedro Laginha, Fernanda Serrano e João Reis muito animados.



Em dia de chuva os actores optaram por um meio de transporte alternativo para chegar ao local, o Status: um Tuk Tuk. Alguns deles





Mariza foi a grande surpresa do cocktail. Interpretou a sua nova música, **O Tempo Não Pára**.

As zangas parecem fazer parte do passado. Fernanda e Sofia são novamente amigas.

ateveram-se mesmo a conduzir o carrinho.

dade são esquecidas nesta história escrita por mulheres, Raquel Palermo e Eduarda Laia e dirigida por Jorge Queiroga.

Os actores fizeram frente ao frio e juntaram-se no Station, em Lisboa, ao final da tarde para apresentar este novo projecto e dar a conhecer um pouco das suas personagens. Mariza foi a grande surpresa da tarde, que se juntou aos actores e equipa de produção desta novela para, num ambiente intimista, interpretar a sua nova música, **O Tempo Não Pára**. Cristina Homem de Mello abandonou a SIC e regressou à televisão de Queluz com uma personagem que diz preencher-lhe as medidas: **"Trabalho com quem me quer, quem me dá melhores projectos, melhores papéis e quem tem saudades minhas"**. O facto de se tratar de uma história sobre casamentos infelizes não assustou a actriz: **"Mas não é o que há mais**

nesta sociedade? Eu tenho amigas com casamentos com 20 anos mas contam-se pelos dedos das mãos", refere.

Da história destacam-se algumas personagens que exigiram maior preparação por parte dos actores. Sofia Alves, que dá vida à mulher com o último casamento feliz, é uma agente imobiliária de sucesso: **"Não percebo nada do ramo imobiliário. Andei a ver casas e andei a estudar o meio para perceber bem e é um meio surpreendente. Nunca me diverti tanto na construção de uma personagem"**, explica. Também Jéssica Athayde se tem dedicado de corpo e alma à sua personagem que é vítima de violência doméstica: **"Foi o maior desafio que já me tinham apresentado. Eu tive um apoio enorme da APAV, falei com algumas mulheres que me contaram as histórias delas"**.

Texto: Catarina Campos. Fotos: Vítor Cupertino



REPORT TV VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

AGRESSÕES NA FICÇÃO AJUDAM A DENUNCIAR CASOS REAIS

Trinta mulheres foram mortas no ano passado vítimas de violência doméstica. É um assunto real, cada vez mais abordado na ficção. Especialistas acreditam que as novelas ajudam a quebrar estereótipos, a esclarecer dúvidas e principalmente a denunciar casos.

Por Ana Lúcia Sousa



73 anos }

70 anos }

O vilão de *O Beijo do Escorpião*, interpretado por Nicolau Bryner, agride a mulher, Lídia Franco

"Não vales nada". "Aqui quem manda sou eu". "Não passas de uma bêbeda". "Estás velha". Estas são algumas das

muitas ofensas que Cláudia Vieira e Lídia Franco ouvem nas novelas que protagonizam enquanto personagens, Andreia Telles de Aragão, em *Sol de Inverno* (SIC), e Madalena Albuquerque, em *O Beijo do Escorpião* (TVI), respetivamente. Violência doméstica baseada na vida real e que está cada vez mais presente na ficção portuguesa. Prova disso é que o próximo projeto da TVI, *Mulheres*, que começou a ser gravado na semana passada, vai abordar a mesma temática, com as interpretações de Jéssica Athayde e de Luís Gaspar. A NTV foi perceber por que motivo cada vez mais as questões de agressão entram como temática na ficção nacional e se tal abordagem faz sentido.

Daniel Cotrim, técnico da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), na área da violência doméstica, não tem dúvidas quanto à importância da abordagem do tema. "É muito importante ser retratado na ficção. É um veículo de informação so-



bre estas questões", começa por dizer o responsável.

Sofia Ferrão, psicóloga clínica, considera "extremamente importante a abertura desta temática nas novelas, cinema ou teatro". "É uma forma de as pessoas se reverem na história que é retratada na novela e principalmente de deixarem cair os medos e as frustrações", defende a especialista.

Em *Sol de Inverno*, Andreia Teles de Aragão é reprimida e violentada pela personagem de Diogo Morgado, Eduardo, um homem que pertence a uma classe alta. Pedro Lopes, o autor da trama, explicou a nossa revista por que decidiu voltar a abordar o tema depois de o ter feito em *Rosa Fogo*, com Helena Laureano e Rogério Samora nos principais papéis. "A novela é um espaço que permite mostrar determinadas realidades e alertar para outras que fazem parte da nossa sociedade. Fazia todo o sentido abordar novamente o tema. Sempre tive como objetivo lutar contra o preconceito. E esta questão é muito importante, nós sabemos que existe e que é crime, existe por ciúme, poder...", conta o autor. Cláudia Vieira afirma sem pestanejar que "há pessoas que se reviram nesta personagem". "Acho que provavelmente quando a mulher perde a autoestima, que foi o caso, ou se sujeita em prol de algo, por uma condição de vida, para ter condições financeiras, tudo é permitido ao marido. É uma relação doentia. Eles não deixam de se amar, mesmo com essa agressão. A Andreia e o Eduardo dependem muito um do outro e da picardia. A relação sem isso não existia", revela a atriz, para a seguir acrescentar que teve muitas dúvidas quanto à personagem que construiu: "Foi um trabalho muito exigente a nível de composição e de concentração. Tive muitas dúvidas e muita dificuldade, a dada altura como qualquer ator tem, em perceber se a personagem estava a ser coerente, credível e se era possível existir."

Daniel Cotrim realça a importância de haver estas histórias ficcionadas e garante que ajuda muitas vítimas a denunciar agressões. "Eu coordeno casas de abrigo e, muitas vezes, as vítimas antes de pedirem ajuda a uma organização viram na televisão sé-



A personagem de Cláudia Vieira sofre agressões por parte do marido, interpretado por Diogo Morgado, em *Sol de Inverno* (SIC)

NUNO PINTO/FERNANDES GLOBAL IMAGES



"É UMA FORMA DE AS PESSOAS SE REVEREM NA HISTÓRIA RETRATADA NA NOVELA", DJZ PSICÓLOGA CLÍNICA

J. GONÇALVES/STUDIOGLOBAL IMAGES



REPORT TV VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

ries, novelas ou filmes sobre violência doméstica. Mais do que debates, entrevistas ou conferências que possam ser dadas, é aquilo que lhes dá informação, é aquilo que pode ser a pedra-de-toque para elas saírem da relação violenta", afirma com convicção no trabalho que está a ser desenvolvido pela televisão com o apoio desta associação. O responsável da APAV admite que já ouviu da própria vítima o impacto que determinada novela teve na mudança de vida. "Muitas vezes chegam aqui porque se identificaram com aquela personagem que é vítima de maus-tratos, porque se identificaram com aquela história. O que é que uma vítima de violência doméstica quer? Quer perceber que afinal não está maluca e que há mais pessoas que sentem o mesmo. É como uma esperança que se abre nela para poder sair daquela vida. Não consigo dizer quantas pessoas o fizeram, porque isso só é verbalizado na terceira ou quarta

entrevista com elas. Ou só depois de estarem numa casa de abrigo", sublinha.

Para Sofia Ferrão "só o facto de poder ajudar a denunciar mais casos já é um passo muito importante".

Nicolau Breyner, que dá vida ao grande vilão Henrique, marido de Madalena, interpretada por Lídia Franco, em *O Beijo do Escorpião*, defende também que "uma das funções da novela é não só denunciar como louvar determinadas atitudes das pessoas". "Infelizmente isto faz parte do nosso quotidiano, estamos todos conscientes de que a violência doméstica existe a vários níveis e de várias formas. É um cancro da nossa sociedade. Como tal, tudo o que exista para chamar a atenção sobre isso, e dizer 'meus senhores isto acontece, e se calhar no nosso vizinho do lado', é muito importante", acredita.

A primeira novela em Portugal a abordar o tema foi a trama brasileira de Manoel Carlos *Mulheres Apaixonadas* (2003), que está em exibição novamente na Globo, exclusivo da Zon. Raquel (Helena Ranaldi) era

agredida diariamente por Marcos (Dan Stulbach) com uma raqueta de ténis. Depois dessa seguiram-se, entre outras, *Fina Estampa*. Segundo o autor, Aguinaldo Silva, em entrevista ao UOL, na altura, em 2012, "em época de novelas que abordam o tema, o número de denúncias aumenta". O autor explica que decidiu abordar o assunto pelo facto de o tema ser mais comum do que a sociedade pensa e por querer entender por que muitas mulheres não têm coragem de denunciar.

VIOLÊNCIA CHEGA A TODAS AS FAIXAS ETÁRIAS

O facto de o tema ser abordado com atores de diferentes faixas etárias é considerado por Sofia Ferrão de extrema importância. "É fundamental haver interpretações de várias idades. Porque a violência é transversal a todas as faixas etárias", alerta a psicóloga.

Daniel Cotrim concorda e destaca a interpretação dos dois atores veteranos, arriscando dizer que "é de longe a melhor representação até hoje feita". "Tanto a Lídia Franco como o Nicolau Breyner são excelentes atores e têm ali uma força enorme, a violência passa muito pelos olhos, pelo poder, pelo controlo e aquilo é realmente assim, e depois porque representa a tal classe social alta", afirma o técnico da APAV. Mas Daniel Cotrim alerta: "Indicam os números que





cada vez mais cedo as mulheres se queixam de violência doméstica. O caso da Cláudia Vieira e da Jéssica Athayde representam essa nova faixa etária importante." Jéssica Athayde, que já começou a gravar a sua personagem, apesar de ainda não haver data para a estreia da novela da TVI, dá vida a uma mulher que se apaixona por um homem (interpretado por Luís Gaspar) e que vivem felizes até morarem debaixo do mesmo teto. "Esta personagem é o maior desafio que já me foi apresentado. Tínhamos um casamento feliz, mas ele revelou-se uma pessoa que não era, não quer que eu ande arranjada, que saia de casa. Por ele, ficaria em casa a cozinhar e à espera dele o dia todo. Mas eu procuro trabalho e é aí começa tudo", explica a atriz.

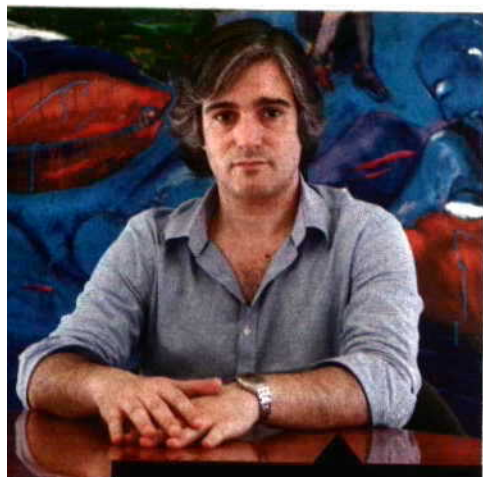
Outra questão, defendida por Daniel Coimbra é o facto de esta temática na ficção poder "deitar por terra os mitos e os estereótipos que estão associados". "Nós temos tido algum trabalho de consultoria, de produtoras, argumentistas de televisão e cinema para lhes darmos uma perspetiva mais real do que é isto da violência do-

Em Mulheres Apaixonadas
Raquel (Helena Ranaldi)
era agredida
diariamente
por Marcos (Dan Stulbach) com uma
raqueta de ténis





REPORT TV VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



É IMPORTANTE É QUE O QUE PASSE NA NOVELA SEJA ADEQUADO À REALIDADE"

DANIEL COTRIM, TÉCNICO DA APAV



"É EXTREMAMENTE IMPORTANTE A ABERTURA DESTA TEMÁTICA NAS NOVELAS, CINEMA OU TEATRO"

SOFIA FERRÃO, PSICÓLOGA



"QUANDO ESCREVI NÃO FOI COM O OBJETIVO DE EXPLORAR O LADO DRAMÁTICO, MAS PARA TER UM PAPEL EDUCATIVO"

PEDRO LOPES, AUTOR

méstica. Não são só homens feios e bêbedos, ou com uma doença patológica associada que agredem as mulheres. As vítimas não são todas ingênuas", desmistifica o responsável garantindo que nos "últimos anos tem havido um maior cuidado por parte dos realizadores, autores e atores em procurar a organização para terem apoio".

PREPARAÇÃO COM AJUDA DA APAV

Jéssica Athayde revelou à nossa revista que para se preparar recorreu à ajuda da APAV. "Senti a responsabilidade de dar a maior verdade a esta personagem e casal", revela. A atriz teve a oportunidade de falar com algumas mulheres vítimas de violência e aprender mais sobre o assunto. "Encarava isto como uma doença, e não é, é um crime. Achava que acontecia porque a pessoa bebia, tomava comprimidos, mas não, isso é tudo uma ilusão. A realidade ultrapassa muito a ficção".

Pedro Lopes explica que não recorreu à APAV diretamente, mas além de escrever a história de Cláudia Vieira como vítima de violência doméstica por parte de Diogo Morgado mostra ainda a personagem do ator a ser agredido por Thaís, interpretada por Úrsula Corona. Mostrando assim que nem só as mulheres são vítimas. "Muitos destes números são públicos e os jornais sempre divulgaram muita informação sobre o assunto. Conheci pessoas ao longo dos anos que trabalharam na Linha de Apoio à Vítima e foi aí que tive este contacto com a realidade e percebi que o impacto desta realidade é brutal. A personagem de Diogo Morgado, por exemplo, não tem respeito por ninguém. Há uma relação

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM 2013

7233

mulheres apresentaram queixa de agressão

1444

homens decidiram fazer denúncia por serem vítimas de violência

25

chamadas recebidas por dia na Linha de Apoio à Vítima

34%

das vítimas dizem ter seguido em frente com a queixa

2

casas de acolhimento, uma com 25 vagas e outra com 17. Todas ocupadas

30

mulheres foram assassinadas durante o ano passado

16

gabinetes de apoio à vítima espalhados por todo o país

de muito pouco amor e respeito. Há violência física e psicológica, ele menospreza a mulher (Cláudia Vieira) e depois é violentado mais tarde pela namorada (Úrsula Corona)", explica o autor, salientando que fica muito satisfeito se a novela ajudar alguém: "Sabemos obviamente que são situações complicadas, esperamos que a novela tenha esse papel, de denunciar casos. Não só pelas próprias vítimas, mas também pelos vizinhos. Quando escrevi não foi com o objetivo de explorar o lado dramático, mas para ter um papel educativo", frisa.

Daniel Cotrim salienta que há cada vez mais interação entre a televisão e a APAV. "Sabendo nós da tónica das novelas, o que nós temos sempre a preocupação de transmitir é o que é que elas podem fazer. Por exemplo, passar a mensagem de como se pode apresentar queixa, informar que os crimes de violência doméstica não prescrevem e que violência doméstica não são só maus-tratos, são também ameaças, injúrias. Mostrar que as pessoas podem recorrer a qualquer posto da GNR de qualquer ponto do país. Alertar para não porem as vítimas a matar os ex-companheiros e a viver felizes para sempre, porque na vida real vão ser presos", alerta o técnico da APAV, para a seguir terminar: "É importante que o que passe seja adequado à realidade. Primeiro que não levante falsas esperanças, depois que não retratem a senhora como agredida brutalmente, o senhor um monstro medonho e depois a quatro episódios de terminar a novela se resolva tudo miraculosamente e que do ponto de vista judicial não sejam resolvidas numa penada..." **NTV**

Jéssica Athayde EM 

Vítima de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A novela **Mulheres** estreia dentro de algumas semanas, retratando histórias de vida que prometem surpreender. Casamentos em ruptura é o foco do enredo da novela, retratando a sociedade dos dias de hoje. O termo protagonista surge no feminino e no plural, não tivesse esta novela sete mulheres no centro da história.

Jéssica Athayde é uma dessas mulheres, no entanto, a actriz destaca-se com um papel emocionalmente forte, dramático. **"Já tinha dito no meu blogue que esta personagem foi o maior desafio que já me tinham apresentado e tem sido espectacular"**, explica. Jéssica irá dar vida a **Bárbara**, uma jovem mulher com uma história particular, vítima de violência doméstica por parte do marido, **Jorge**, interpretado por Luís Gaspar.

Para a construção da sua personagem em **Mulheres**, Jéssica falou com vítimas reais de violência doméstica.

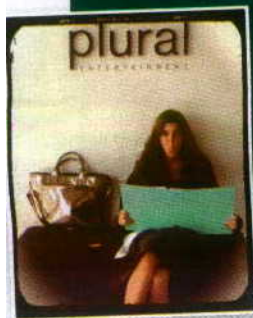
A actriz dá vida a Bárbara, uma mulher violentada pelo marido. Para construir a personagem falou com vítimas reais: "os primeiros dias que fui à APAV cheguei a casa com enxaquecas".

Para a construção de **Bárbara**, Jéssica tem-se dedicado a um intenso trabalho de pesquisa, para o qual pode contar com a ajuda da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). **"Eles foram incríveis. Falei com algumas mulheres vítimas de violência doméstica. Ouvia uma história e pensava que era a pior que já tinha ouvido mas a história seguinte que eu ouvia era 1000 vezes pior. Cada caso é um**

caso", explica a actriz. Deste contacto com a realidade, Jéssica retirou muita informação que desconhecia: **"Conseguí perceber muita coisa que não percebia. Isto é um tema delicado porque eu encarava a pessoa violenta como uma pessoa doente. Mas não, é um crime. Nós achamos sempre que há uma razão, ou é porque bebe ou porque toma comprimidos... mas não!"**. Visivelmente emocionada ao falar do tema, a Jéssica Athayde prossegue com a explicação do que aprendeu sobre a violência doméstica: **"Ali estava num trabalho como actriz mas a partir do momento em que houve a disposição de uma pessoa para falar comigo sobre uma questão pessoal, estava ali para ouvir e para não julgar e perceber. Porque às vezes é difícil não julgar e perceber o porquê de uma mulher ficar e aturar aquilo. Como é que uma pessoa sai de casa com um sorriso na cara como se nada fosse? É assim!"**, prossegue. Jéssica explica ainda que, da sua experiência, percebeu que há

"ANDO UMA PILHA DE NERVOS"

Jéssica Athayde tem partilhado com os fãs no seu blogue, jessyjames.pt, toda a excitação que este novo projecto lhe proporciona. A actriz tem mostrado fotos de bastidores e de gravações e confessa: **"Ando uma pilha de nervos, mas bem-disposta. Parece sempre que é a primeira vez... e todas as minhas inseguranças e dúvidas tomam conta da minha cabeça durante aqueles dias iniciais. Sinto-me sempre assim. Questiono-me se algum dia irá ser diferente. Será?"**





OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

Quando falamos sobre violência doméstica, os números são assustadores. Em 2013, a APAV atendeu 32.222 telefonemas com pedidos de socorro, avançou com 11.800 processos de apoio, registou 20.642 crimes 8.733 vítimas directas. O Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), da UMAR, divulgou no final do ano passado, um relatório que confirma a morte de 33 mulheres e 32 tentativas de homicídio ao longo de 2013. Um número assustador mas positivo quando comparado a 2012, ano em que morreram 40 mulheres e houveram 53 tentativas de homicídio.

mulheres que não podem denunciar os maridos por medo das consequências que isso possa ter, nomeadamente serem perseguidas por esses maridos. Algumas dessas mulheres estão refugiadas.

A carga emocional deste papel em **Mulheres** é grande, mas não assusta a actriz: **"Se é pesado? Claro que é. Os primeiros dias que fui à APAV cheguei a casa cheia de enxaquecas"**. No entanto, ao longo da conversa, há uma ideia que a actriz não se cansa de reforçar: **"Elas têm todas uma força gigante. Nós olhamos para elas e vemos uma força inacreditável e que atuaram muitas coisas durante anos e por amor"**. Diferente não poderia ser com Bárbara, a personagem de **Mulheres**: **"A minha personagem é muito positiva e muito bem-disposta. É uma mulher que acredita na felici-**

dade e que a procura. Não é uma mulher deprimida. Sofre porque é difícil mas vai à luta por uma vida melhor. Ela casou-se, teve um casamento inicialmente honesto e bonito. Acabou por ir viver com ele e com a mãe dele. Ele acabou por ser uma pessoa que não era... A Bárbara procura trabalho e ele é um homem que não quer que ela ande arranjada. Por ele, ela ficava em casa a cozinhar e à disposição dele o tempo todo.", explica.

Bárbara representa para Jéssica Athayde um marco na carreira profissional. **"Senti alguma reponsabilidade por querer dar verdade a esta personagem. Nunca vou poder retratar o que é a violência doméstica na primeira pessoa. É impossível. A realidade ultrapassa sempre a ficção"**, confessa a actriz.

Texto: Catarina Campos; Fotos: Vítor Cupertino e Jessy James.pt



MURAL CULTURAL



Vila Velha de Ródão – Casa de Artes e Cultura do Tejo
Dia 11 às 21 horas

O lobo de Wall Street

Jordan Belfort (Leonardo DiCaprio) é um jovem que procura em Nova Iorque a concretização do seu sonho de sucesso. Consegue trabalho numa empresa cotada em bolsa, mas o "crash" da "segunda-feira negra" fá-lo perder o emprego e obriga-o a reajustar os planos... Juntamente com um amigo, decide abrir a sua própria firma, a Stratton Oakmont, que vai funcionar como plataforma para a sua ambição tão desmedida quanto certa. O alvo? Os investidores de Wall Street. Rodeado de uma "matilha" sedenta, o carismático e persuasivo corretor envereda por todo o tipo de esquemas, legais ou não, que alimentem a sôfrega espiral

de poder, dinheiro, droga, ganância, sexo, corrupção e excessos em que se transforma a sua vida. Por mais milhões que acumule, nunca são suficientes. Belfort quer sempre mais. É insaciável. É por isso que é conhecido como "o lobo". Mas até um predador astuto pode ser apanhado...

Realizado por Martin Scorsese, e com argumento de Terrence Winter, o filme baseia-se na história verídica de Jordan Belfort, um corretor nova-iorquino que, na década de 90, construiu um império milionário à custa de fraudes de investimento e de lavagem de dinheiro. Acabaria por ser condenado, tendo cumprido 22 meses de pena.

Covilhã

40 anos do 25 de abril - Ciclo de documentários



No âmbito das Comemorações do 40º Aniversário do Dia 25 de Abril, a Comissão Cívica eleita para este efeito, promove um ciclo de filmes documentários alusivos ao Dia da Liberdade.

A primeira sessão decorreu no dia 1 de Abril, na CinUBlita e esta terça-feira dia 8 tem lugar a segunda sessão, na Sede da Liga dos Amigos dos Penedos Altos, às 21:30.

Há a mais duas sessões programadas:

15 de Abril, Terça-feira, 21h30 - Junta de Freguesia de Vila do Carvalho

Cartas a uma ditadura (jêns de medeiros, 2006)

Um documentário que revisita a memória dos anos do salazarismo através do olhar e testemunho de várias mulheres, de diversos extractos sociais que, em 1958, foram convidadas a Salazar, o seu apoio a Salazar,

em cartas laudatórias, a pretexto da primeira crise que abalou a ditadura, aquando da campanha do General Humberto Delgado. Desde as mais fervorosas defensoras do ditador até às mais comedidas ou simples, em quem a propaganda surtia outro tipo de efeito, "Cartas a uma Ditadura" desmonta o regime e as suas estratégias de perpetuação.

22 de Abril, Terça-feira, 21h30 - Associação Sport Lisboa e Águias do Dominguiso De armas e bagagens (ana delgado martins, 2013)

O que levaria consigo se tivesse que fugir de casa sem saber se regressaria? Entre 1974 e 1976, cerca de 300 mil portugueses abandonaram Angola. Mais de 100 mil tinham nascido lá. Esta é a história das incríveis fugas de Angola por terra, mar e ar. E de tudo aquilo que não quiseram deixar para trás.

Livros & Leituras

Calico Joe



O autor de A Firma habituou-nos a thrillers emocionantes, tensos, cheios de surpresas e reviravoltas, o que não acontece em Calico Joe - uma história simples e surpreendente entre pai e filho, que transmite a lição de nunca ser tarde demais para se confessar os pecados em busca do perdão.

Passaram-se trinta anos desde que Paul, então com treze anos, viu o pai, jogador dos New York Mets, enfrentar o seu herói de infância, Joe Castle, num desafio em que não houve vencedor. A notícia de que o pai está a morrer traz-lhe este episódio à memória. Pai e filho, decididos que é chegado o momento de enfrentar o que de facto aconteceu naquele campo em 1973, dirigem-se a Calico Rock, no Arkansas, onde é incerto aquilo que os espera.

John Grisham

Nasceu no Arkansas a 8 de fevereiro de 1955. Antes de se tornar escritor a tempo inteiro licenciou-se em Direito, exerceu advocacia e tornou-se profundo conhecedor do sistema jurídico americano. Inspirou-se na sua experiência profissional em toda a sua obra literária que se inicia em 1989 com a publicação de Tempo de Matar. É autor de vinte e quatro romances. Com mais de 250 milhões de exemplares vendidos e traduzido para mais de 29 línguas, é um autor que ocupa permanentemente os lugares cimeiros nas listas dos livros mais vendidos. A sua enorme popularidade e a mestria da escrita fazem de John Grisham um autor com intensa atividade na escrita de guilões cinematográficos e de séries televisivas. Vive na Virginia e no Mississippi.



Género: Romance
Tradutor: Ana Mendes Lopes
N.º de páginas: 352
PVP: 16,60€

As sinopses publicadas são da inteira responsabilidade das editoras

Penamacor – Paços do Concelho
Até 30 de abril

Trocos que dão arte

Decorre de 4 a 30 de Abril, uma exposição de escultura, da autoria de José Duarte Costa, artista autodidata, que desde cedo começou a sentir gosto pela natureza e a ter sensibilidade de ver as formas, que os troncos lhe ofereciam.

Desde 1992 até à presente data tem participado em várias exposições nacionais e internacionais onde tem sido distinguido com I, II, III prémios e Menções Honrosas.



Para apreciar, nos Paços do Concelho, em horário laboral.

Castelo Branco – IPDJ
Até 10 de abril

Exposição de fotografia "OLHA" de Valter Vinagre

Em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) o IPDJ de Castelo Branco promove a exposição "Olha" de Valter Vinagre que está patente ao público na Loja Ponto JA até 10 de abril.

Esta exposição que reúne um conjunto de trabalhos

do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal está integrada na Campanha "Movimento contra o discurso de ódio" - Semana Europeia de Ação Contra o Racismo e a Discriminação.

Sertã – Casa da Cultura
Até 30 de abril

Exposição "Sisters II"

De 1 a 30 de abril, a Casa da Cultura da Sertã terá patente a exposição de pintura "Sisters II", da autoria de Dina e Dora Vitória. Irmãs, Dina e Dora nasceram na década de 80 e partilham a mesma paixão pelo desenho e pela pintura. O óleo sobre tela é a sua técnica de eleição.

Licenciadas em Sociologia e Educação de Infância, respetivamente, frequentaram aulas de pintura durante vários anos e já contam com cerca de duas dezenas de exposições indivi-

duais e coletivas, bem como participações em feiras de artesanato, mostras, pintura in loco, quer em espaços de património natural, quer património arquitetónico. A natureza é por conseguinte um dos temas da sua pintura, tal como o nu, a expressão facial e a animação para crianças.

A exposição "Sister II" poderá ser apreciada de 1 a 30 de abril, na Casa da Cultura da Sertã, de segunda a sábado das 9H às 13H e das 14H às 18H, domingos e feriados das 14H às 18H.